

NO RETRATO DO ARTISTA, OS RIGORES E A DELICADEZA DE ABRIL: JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Antônio Rodrigues Belon¹
Michela Mitiko Kato Meneses de Souza²

CONTEMPORANEAMENTE, PROFESSOR E ESCRITOR

João Anzanello Carrascoza, descendente de espanhol por parte do avô paterno, nasceu em 1962 na cidade de Cravinhos interior de São Paulo. Mora na capital paulista desde 1980. É graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo (1983), com mestrado (1999) e doutorado (2003) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo(USP). Professor titular da USP, ministrando a disciplina Redação Publicitária. É também docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, responsável pela disciplina História das Estratégias Publicitárias; Comunicação, a sua área de investigação, com ênfase nos processos retóricos e análise do discurso da publicidade. Escritor, autor de coletâneas de contos e romances, além de obras para crianças e jovens, que lhe valeram alguns dos mais importantes prêmios literários do país. Destacam-se o do I Concurso Nacional de Histórias Infantis do Paraná (1991), o do XIV Concurso Nacional de Contos do Paraná (1992), o do Concurso de Contos Guimarães Rosa, patrocinado pela Radio France Internationale (França, 1993), o Eça de Queiroz (1996) e o Jabuti (2007).

UMA LITERATURA DO RIGOR E DA DELICADEZA

João Anzanello Carrascoza, contista da Geração 90, juntamente com outros autores, carrega, em suas narrativas, interesses comuns de uma sociedade marcada pela pluralidade e diversidade política, econômica, social e cultural. Uma geração de escritores nacionais advindos de um processo de urbanização, modernização e globalização em que as tensões cotidianas são vividas na velocidade da luz, o cosmopolitismo é quebrado pelo isolamento; uma literatura marcada pela pluralidade e heterogeneidade de estilos. Assim a narrativa contemporânea, ainda não consolidada, enfrenta um processo de permanência; desafia, convida, a percorrer suas raízes e arriscar eleger uma interpretação.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, do câmpus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

² Acadêmica do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, do câmpus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Nessa perspectiva de João Anzanello Carrascoza, a ficção contemporânea traz a qualidade estética presentes pelo traço da delicadeza, representada pelo lirismo e por situações do cotidiano, dos encontros e das memórias; o escritor se insere no cenário da ficção atual como um contista de narrativas com o rigor e o afeto; mantém um percurso vital e histórico.

VIA DE MUITAS ESTAÇÕES

A cronologia bibliográfica de João Anzanello Carrascoza distribui-se por vários pontos de parada. Estende-se por contos, novelas infantis, romances e peças teatrais, antologias: *As flores do lado de baixo*(novela infantil, 1991); *De papo com a noite*(novela infantil, 1992); *Hotel solidão*(contos, 1994); *A lua do futuro*(romance juvenil, 1995); *Zoomágicos*(contos infantis, 1997); *O vaso azul*(contos, 1998); *Cuentos Breves Latinoamericanos*(Coedición Latinoamericana, 1998); *A evolução do texto publicitário*(ensaio, 1999); *O jogo secreto dos alquimistas*(romance juvenil, 2000); *Dois zero zero zero*(antologia, 2000); *O Decálogo*(antologia, 2000); *Geração 90- Manuscritos de computador*(2001); *Histórias dos tempos de escola*(2002); *Quadradinha e Redondela*(2002); *História para sonhar acordado*(2002); *Duas tardes*(contos, 2002); *O aprendiz de inventor*(literatura infanto-juvenil, 2003); *Scrittori Brasilliani*(2003); *Olhar de Descoberta*(2003); *Os contadores de história*(2003); *Ladrões de histórias*(2003); *Meu amigo João*(2004); *Os cem menores, contos brasileiros do século*(2004); *Seleção de contos da Nova Escola*(2004); *Fora da ordem e do progresso*(*História do Brasil, Conto em antologia*, 2004); *Inspiração*(2004); *Dias raros*(2004); *O menino que furou o céu*(2005); *O volume do silêncio*(2006); *O homem que lia as pessoas*(2007); *Desconcertos*(2008); *Só uma corrida*(apresentação teatral, 2008); *Dias raros*(apresentação teatral, 2008); *O livro da selva*(Adaptação de livro, 2009); *Meu avô espanhol*(2009); *Reencontro*(Conto em antologia, 2009); *Moinho de sonhos*(Conto em antologia, 2009); *A véspera, o dia e o dia seguinte*(apresentação, 2009).

RETRATO DO ARTISTA EM SETE QUESTÕES

(em abril de 2010)

1. Opine sobre as relações entre a literatura e a história.

Literatura e história possuem aproximações e distanciamentos. O essencial aqui é lembrarmos que nós *existimos* na história, enquanto a literatura é uma forma de apreendermos a existência num dado momento histórico.

2. Como as realidades do mundo e do ser, individual e socialmente, nas suas configurações históricas, tornam-se, na literatura, componentes de uma estrutura estética, permitindo-se o estudo de sua autonomia?

Somos seres sociais impactados pelas condições históricas vigentes na época em que vivemos. A história se caracteriza pelo que aconteceu, pelos fatos, pelo “efeito do real”, enquanto a literatura se caracteriza pelas possibilidades do real, pelo verossímil, pela criação de um “outro real”.

3. Os materiais não literários tornam-se literários?

Tudo o que emana da condição humana, da vida e sua finitude, pode ser transformado em material literário. A poesia, como dizia Paulo Leminski, é um inutensílio. Por sorte, podemos encontrar esses maravilhosos inutensílios em qualquer parte: basta remover o véu do desencantamento e, com o olhar nu, localizá-los em meio à realidade.

4. A escrita literária se constrói a partir do mundo?

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, ensinou-nos Paulo Freire. O mesmo podemos dizer da escrita literária, que advém, sempre, da nossa condição de leitores do mundo, condição essa evidentemente anterior à de escritor – cujo ofício é, através das palavras, construir mundos possíveis.

5. A literatura é uma forma imprescindível de sentir e de interpretar a realidade originária?

A realidade toca a cada um de acordo com a sua sensibilidade, com o tamanho de sua dor e de seu saber. Evidentemente, para quem escreve, a literatura é o produto daquilo que ele sente, o seu olhar crítico (e nele seus alargamentos e limites).

6. As esferas históricas, sociais, políticas e estéticas imbricam-se?

Sim, um texto literário resulta de uma linguagem que emerge de alguém num tempo histórico e num determinado contexto social. As suas condições de produção refletem e refratam, como num caleidoscópio, essas muitas esferas, que se legitimam, confrontam-se, resignificam-se.

7. Como vê a ficção brasileira hoje?

Vejo uma pluralidade de autores na nossa ficção atual buscando dar conta de expressar os conflitos locais e mundiais, além de enfrentar, como em outras épocas, os grandes temas que inquietam a humanidade. Há uma certa efervescência criativa, materializada no número crescente de sites e blogs que publicam textos ficcionais, nas variadas propostas de oficinas de criação literária, no aparecimento de novos prêmios de literatura para estreantes e escritores já experimentados, no volume de obras publicadas por conta própria, fora do *mainstream*. Claro, nem sempre a quantidade resulta em qualidade, mas o cenário é de intensa produção, envolvendo não apenas os gêneros consagrados, mas também formatos menos comuns como o microconto.

8. Responda o que gostaria de responder e não foi perguntado.

Você perguntou sobre meus projetos atuais e aproveito para falar deles: nos próximos meses, lanço pela editora Record “Espinhos e alfinetes”, um novo livro de contos. Também será publicado logo mais, pela editora Scipione, minha história infanto-juvenil “Prendedor de sonhos”, e pela editora Positivo, o livro infantil “A terra do lá”.



João Anzanello Carrascoza